

A LINGUÍSTICA COGNITIVA E CONSTRUÇÕES CORPÓREAS NAS NARRATIVAS INFANTIS EM LIBRAS: UMA PROPOSTA COM FOCO NA FORMAÇÃO DE TILS¹

Veridiane Pinto Ribeiro
IFSC-Campus Jaraguá do Sul

RESUMO

Motivada pela expressiva demanda de vagas para TILS nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na cidade de Itajaí-SC, o presente estudo levantou a necessidade de formação complementar destes profissionais para atuar na especificidade de tradução e interpretação para crianças surdas. A questão que motiva nosso estudo é saber: “como podemos usar teorias linguísticas que considerem as peculiaridades cognitiva e corpórea para descrever e explicar os elementos produzidos nas narrativas infantis sinalizadas?”. A presente pesquisa objetiva identificar produções sinalizadas que explorem a corporeidade em narrativas infantis. Se propõe a explorar teorias linguísticas pertinentes aos estudos cognitivos corporificados que possam relacionar-se aos aspectos construtivos da língua de sinais. O caminho metodológico é de natureza qualitativa. A relevância do estudo foi definida a partir da análise de 16 vídeos produzidos por estudantes e profissionais da área de tradução e interpretação de Libras. Estes participantes contribuíram sinalizando clássicos da literatura infantil. Estes vídeos foram analisados por dois professores bilíngues surdos nativos, que identificaram aspectos a serem estudados partindo da premissa de que o público alvo são crianças surdas, de cultura visual e que buscam toda uma gama de compreensão de sentidos no espaço visual, coerente com o imaginário e afinidade comunicativa infantis. De todo o material analisado, dois vídeos foram selecionados para representarem estes aspectos, sendo utilizados no texto que expõe a motivação. Posteriormente, estas mesmas duas narrativas foram reproduzidas por um narrador-ator surdo. A análise do discurso de sua contribuição produziu propostas de construções sintático-semânticas que revelaram o cunho visual, imagético e corporificado da língua de sinais, longe da composição gramático-estruturalista, mas coerente com o postulado defendido pela Linguística Cognitiva. De nossas análises emergiu uma perspectiva que denominamos Gramática de Construções Visuo-Corpórea.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Tradução e Interpretação de Libras; Contos Infantis em Libras.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca identificar produções sinalizadas que explorem a corporeidade em narrativas infantis. Se propõe a explorar teorias linguísticas pertinentes aos estudos cognitivos corporificados que possam relacionar-se aos aspectos construtivos da

¹ RIBEIRO, Veridiane P., *A Linguística Cognitiva e construções corpóreas nas narrativas infantis em libras: uma proposta com foco na formação de TILS*. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

língua de sinais. O estudo analisa produções em libras que provoquem o imaginário infantil e estimulem o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo.

A motivação para esta pesquisa emergiu de minhas indagações atuando como TILS (tradutora-intérprete de língua de sinais) e formadora de futuros profissionais nesta área, no sentido de contribuir para o aprimoramento de estratégias de formação que favoreçam uma aprendizagem mais significativa e funcional. Durante estas experiências, identifiquei dificuldades por parte de muitos profissionais e futuros profissionais, principalmente na produção sinalizada de contos infantis. Havia uma significativa ausência de aspectos na construção do discurso que apresentassem afinidade com a cultura visual das pessoas surdas.

Iniciamos com um projeto piloto com o objetivo de identificar a real pertinência da pesquisa. Em um levantamento feito no ano de 2014, contabilizamos 44 alunos surdos inclusos em escolas da rede municipal da cidade de Itajaí-SC, matriculados na Educação Infantil e Anos iniciais do Ensino Fundamental. Cada um destes alunos em salas de aula diferentes, levando à expressiva demanda de profissionais tradutores-intérpretes que devem estar preparados para atuar em um contexto específico, com características específicas como é a fase da infância. (VYGOTSKY, 2014, BLAYE e LEMAIRE, 2007). Dando continuidade ao projeto piloto, 16 participantes, dentre eles profissionais tradutores-intérpretes de libras e estudantes nesta área, traduziram e interpretaram diversos contos de clássicos infantis que foram registrados em vídeo. Estes vídeos foram analisados pelos professores bilíngues surdos nativos Luiz Zancanaro e Tatiana Zancanaro, que apontaram determinadas composições nas narrativas que poderiam ser construídas de forma mais visual e incorporada, pois apresentavam um certo distanciamento em relação às construções visuo-espaciais coerentes com a cultura linguística das pessoas surdas, considerando, principalmente o público a quem se destinam os contos infantis sinalizados: crianças surdas. Certos da pertinência da pesquisa, iniciamos o processo de execução do projeto definitivo, onde optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa, Iniciamos a busca por possibilidades de construção destas narrativas com foco na percepção e motivação visual, bem como na construção corpórea-espacial de crianças surdas. Decidimos pela análise de narrativas produzidas por um profissional na arte de contar histórias infantis sinalizadas. Pudemos contar com a contribuição do narrador-ator surdo Rodrigo Custódio da Silva, que traduziu e interpretou as narrativas, partindo de textos escritos para narrativas em libras e as registrou em vídeos. Do total de vídeos coletados para o projeto piloto, dois foram selecionados para serem reinterpretados pelo narrador-ator surdo: “Os três porquinhos” e “João e o pé de feijão”. Diversos trechos da narrativa reinterpretada pelo narrador-ator surdo foram selecionados para análise à luz da perspectiva da Linguística

Cognitiva. Diante da constatação de que a língua de sinais se faz significativa a partir de instrumentos de habilidades corporificadas, partimos em busca de uma teoria que pudesse sustentar e colaborar para a elaboração de uma proposta de análise do discurso mais coerente com a construção visuo-espaco-corporificada na língua de sinais. Encontramos na perspectiva da Linguística Cognitiva o porto seguro para este propósito. Acreditamos que esta perspectiva teórica pôde nos ajudar a responder a seguinte questão: como podemos usar teorias linguísticas que considerem as peculiaridades cognitiva e corpórea para descrever e explicar os elementos produzidos nas narrativas infantis sinalizadas? De nossas análises na busca de responder a esta questão, emergiram aspectos linguísticos da língua de sinais brasileira explicados e descritos com base na Linguística Cognitiva, culminando em uma perspectiva aqui denominada Gramática de Construções Visuo-Corpórea (GCVC). Devido a restrição de espaço neste artigo científico, não apresentaremos todos onze modelos cognitivos apontados em nosso estudo como integrantes desta perspectiva. Nesta oportunidade apresentaremos quatro modelos: o classificador perspectiva-ação e classificador manual, figura-fundo dupla perspectiva e figura-fundo de proeminência, iconicidade visuo-corpóreo-espacial e dêiticos interrogativos de proeminência.

2 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES CORPORIFICADA E A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Dentre os modelos de análise linguística da perspectiva da Linguística Cognitiva(LC), a Gramática de Construção Corporificada (GCC) de Berger e Chang (2005, 2008) é a que apresenta o aspecto mais representativo desta pesquisa. Para o presente estudo há o entendimento de que este modelo pode servir de embasamento teórico para descrever e explicar aspectos peculiares da construção do discurso em narrativas infantis nas línguas de sinais.

A LC promoveu uma ruptura com o gerativismo de Chomsky pela busca, cada vez maior, de se investigarem as habilidades linguísticas de forma associada às habilidades cognitivas e foi bastante influenciada pela aproximação dos pesquisadores com a Psicologia Cognitiva e com a Antropologia Cognitiva. Desta busca surgiu a Linguística Cognitiva. Duque e Costa (2012), Feltes (2007).

Destas investigações, surgiram as contribuições da Gramática de Construções Corporificada, considerada uma teoria recente da gramática de construções que vem sendo desenvolvida por Benjamin Bergen e Nancy Chang. Essa investigação assume que todas as

unidades linguísticas são construções, incluindo morfemas, palavras, sintagmas e sentenças. A inspiração para a determinação da estratégia veio de técnicas de linguística computacional e cognitiva, inteligência artificial, modelagem cognitiva e psicologia do desenvolvimento. (BERGEN e CHANG, 2005; FELDMAN e NARAYANAN, 2003)

Para o nosso estudo, tomamos as análises de Bergen e Chang, na tríade relacional Gramática de Construções Corporificada, análise de linguagem natural e análise semântica lexical. O interesse pela modelagem cognitiva reproduzida em inteligência artificial não será arrolada as nossas análises, e sim suas convicções quanto a corporalidade envolvida nas construções gramaticais. Vale ressaltar que a Gramática de Construções Corporificada incorpora mecanismos linguísticos como esquemas imagéticos, frames, projeções metafóricas e metonímicas, espaços mentais e mescla em suas estruturas gramaticais, que correspondem às categorias de nossas investigações. (DUQUE e COSTA, 2012; BERGEN e CHANG, 2005, 2007, 2013).

Além disso, a Gramática de Construções Corporificada admite concepções que são próprias da Linguística Cognitiva considerando que para produzir ou interpretar expressões linguísticas, requer-se a evocação de habilidades psicológicas gerais como memória, atenção, percepção, além de processos como categorização, abstração, mapeamento, projeção e integração conceitual, enfatizando que todo esse processamento ocorre de uma forma rotineira, na língua em uso e, principalmente, inconsciente. (BERGEN e CHANG, 2005, 2007, 2013, BERGEN, CHANG, NARAYAN, 2004)

No quadro a seguir, apresentam-se os modelos cognitivos selecionados da perspectiva da Linguística Cognitiva que compõem a análise de nosso estudo.

| | |
|--|--|
| <p>Categorização Fillmore (1975), Rosch (1973)</p> | <p>Acolhendo o postulado destes pesquisadores, entendemos que somos capazes de identificar e elaborar mapeamentos entre entidades semelhantes, envolvendo objetos, pessoas, lugares, mobiliários, vestimentas, animais, veículos, reconhecendo nestes especificações que vão além de convencionalidades lexicais. São atributos que partem de percepções corpóreas e influências culturais para organizar nossas relações linguísticas e sociais.</p> |
| <p>A Gestalt e a Figura-Fundo Langacker (1987), Talmy (2000)</p> | <p>A relevância relativa de subestruturas de uma predicação constitui uma dimensão do imaginário que remete a conceituação de “saliência”. Com base em uma perspectiva gestáltica onde um cenário pode ser interpretado de diferentes formas dependendo do ponto de visto ao qual o perspectivador o está encarando. A Figura é um movimento ou entidade conceptualmente móvel, cuja a trajetória, o espaço ou a orientação, concebem-se como uma variável, determinando o valor da questão relevante. Já o Fundo é uma entidade de referência, aquela que tem uma colocação estacionária quanto à organização de referência, com respeito à qual a posição, o espaço ou a orientação da Figura se caracterizam.</p> |
| <p>Esquemas Imagéticos Jonhson (1987); Lakoff e Turner (1989)</p> | <p>Nossas experiências são mediadas por nossa corporalidade, portanto há uma tendência a ancorarmos no corpo nossas produções linguísticas. O corpo serve como ponto de referência para relações no espaço. Ao comunicarmos situações que envolvem relações com esquemas dentro-fora, em cima-embaixo, alto-baixo, ir-vir, perto-longe, parte-todo, trajetória, cheio-vazio, enfim, usamos o corpo como entidade de medida, como referência.</p> |

| | |
|---|--|
| Centro Dêítico Fillmore (2007) Fauconnier e Turner (2002.) Duque e Costa (2012) | Quando termos dêíticos do tipo: ir e vir, agora e depois, e eu e você, são usados em diálogos face a face, seus significados dependem das coordenadas espaço-temporais do ato de enunciação. Essas coordenadas se originam de um ponto chamado de Centro Dêítico (CD), que procede de um lugar (ir e vir), de um tempo (agora e depois) e de uma pessoa (eu e você). Duque e Costa (2012) então denominam ONDE à procedência de lugar, QUANDO, à procedência do tempo e QUEM, à procedência da pessoa. |
|---|--|

Quadro 01: Modelos cognitivos presentes na LC

Podemos dizer que a Gramática de Construções Corporificada compreende as habilidades apontadas por pesquisadores da Linguística Cognitiva de Talmy a Fauconnier e isso significa considerar processos que envolvam esquemas cognitivos, condições sociointeracionais e culturais, onde resgatam-se saberes envoltos à categorização, conceptualização, organização gestáltica, mapeamento conceptual, analogia, esquematização e inferenciação. (DUQUE e COSTA, 2012)

Complementam os saberes envolvidos na Linguística Cognitiva que nos ligam diretamente à Gramática de Construções Corporificada, Cavalcante e Souza (2010), apresentando estudos que envolvem variados processos mentais, dentre os quais se incluem aquisição de conhecimento, produção de inferência, julgamento e resolução de problemas, entre outros, onde a cognição engloba os aspectos do funcionamento mental consciente e inconsciente. Porém, não há como conceber processos mentais sem considerar que na base destes processos está a língua em uso.

A Gramática de Construções Corporificada se enquadra na Linguística Cognitiva por seu aspecto corporificado que ajuda a determinar a natureza da compreensão e do pensamento, uma peculiaridade que constitui o cerne desta perspectiva (ROSCH, 1973; BERGEN, 2005). Este estudo considera que os processos de aquisição e construção da linguagem não se efetivam na mente separados do corpo e das experiências proporcionadas pela língua em uso, como tradicionalmente se postula numa perspectiva chomskyana e estruturalista e defende a indissociabilidade entre mente e corpo. Em acordo com os estudiosos citados até aqui, consideramos que a linguagem é estruturada através de nossas capacidades cognitivas relacionadas às nossas experiências corpóreas, e não uma entidade de natureza puramente metafísica e independente do corpo.

Nossas experiências nos possibilitam produzir especificações semânticas que unidas às estruturas incorporadas nos possibilitam produzir simulações e consequentes ações comunicativas. (BERGEN e CHANG, 2005, 2013; BERGEN, 2005; BERGEN). Estas ações são previamente simuladas em nossas habilidades imagiológicas, reconhecidas nos estudos da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções Corporificada como habilidade fundamental para a construção da linguagem.

A proliferação de recentes estudos de imagiologia neural completa as evidências comportamentais existentes de que a recordação de experiências motoras recruta mecanismos cognitivos responsáveis pela execução das mesmas ações motoras por ativar as mesmas partes do sistema motor do cérebro, assim como a recordação de experiências de percepção, tanto nos domínios visuais quanto auditivos, utiliza estruturas neurocognitivas específicas da modalidade perceptual (...). da mesma forma, a imagem mental que envolve o controle motor ou a percepção visual ou auditiva produz a ativação adequada de áreas motoras ou perceptuais do cérebro (...). Parece assim, que a recordação, a imaginação ou a compreensão da linguagem sobre ações e perceptos recrutam estruturas cerebrais responsáveis pela execução das ações ou pela apreensão dos perceptos que afiguram-se ao olho da mente. (BERGEN, 2005, p. 258, tradução nossa)

Bergen, Lindsay, Matlock, Narayanan (2006) resgatando as reflexões de Aristóteles, nos provocam com a seguinte citação: "O pensamento é impossível sem uma imagem." Com base em pesquisas já consolidadas, estes estudiosos realizaram experimentos com o objetivo de identificar a interferência das habilidades imagéticas do ser humano na construção da linguagem. Uma habilidade que se constitui a partir de experiências corporificadas, armazenadas na memória e evocadas a partir de estímulos comunicativos.

3 GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES VISUO-CORPÓREA (GCVC)

3.1 Classificador perspectiva-ação e classificador manual

A categorização é usada para agrupar elementos que compartilham de características semelhantes. As CASAS são CASAS pois têm piso, telhado, janela, porta, mas têm casas de classes sociais diferentes, estilos diferentes, com características que marcam estas diferenças. No momento da tradução, a generalização é um equívoco, visto que relatividades devem ser consideradas para garantir mais fidelidade à realidade dos fatos.



Os quadros mostram as cenas do conto “Os três porquinhos”, onde as casas de palha e de madeira são destruídas pelo lobo mau. Categorizando, casa de palha e de madeira

enquadram-se em imóveis, residências, mas por serem de materiais diferentes, reagem de forma diferente aos impactos do sopro do lobo mau. É possível observar que no primeiro sopro, a casa de palha já começou a se desmanchar e a espalhar palha para todos os lados, sendo representado pelos movimentos e pela expressão do narrador-ator que produz configurações manuais dobrando os pulsos e produz uma expressão representando a fragilidade do material. Diferente da casa de madeira, que resistiu o quanto pode, ação representada pelo narrador-ator que exerce sobre a casa de madeira um movimento trêmulo, repetidas vezes, até que não resiste e começa a soltar as madeiras, representadas pelo pulso reto como tábuas, que em seguida chocam-se ao chão. O classificador perspectiva-ação foi então utilizado para promover a concordância entre o objeto e a ação exercida sobre ele.

As categorias precisam estar na mente dos usuários da língua de sinais de forma atrelada às suas peculiaridades, nada pode ser armazenado como objetos que reagem igualmente às ações por estarem agrupadas às mesmas categorias. Móveis, carros, frutas, comércios, imóveis, podem estar no mesmo nível de prototipicidade, podendo ser ampliados em níveis radiais, mas, em uma língua visuo-espacial a representação dos objetos em relação as suas ações precisam estar coerentes com suas peculiaridades.

3.2 Iconicidade visuo-corpóreo-espacial

Este estudo entende que a criação e produção de sinais, classificadores, expressões idiomáticas, pronomes, substantivos, verbos, advérbios e adjetivos, podem ser motivados por experiências corpóreas, sendo produzidos ancorados no corpo do sinalizante. Este estudo pretende ampliar a visão de iconicidade atribuída a alguns sinais da libras, o que chamamos de iconicidade visuo-corpóreo-espacial. O quadro abaixo apresenta a categorização definida:

| | |
|-----------|---|
| ESPACIAL | cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita, perto-longe, centro, periferia, contato, grande-pequeno trajetória (origem-caminho-meta) contenção, dentro-fora, superfície, cheio-vazio, conteúdo, aberto-fechado |
| SENSITIVA | equilíbrio, força contrária, compulsão, restrição, bloqueio, atração, percepção |
| MEDIDA | fusão, coleção, divisão parte-todo, ligação, contável, não-contável |

Quadro 02: Tipos de iconicidade visuo-corpóreo-espacial

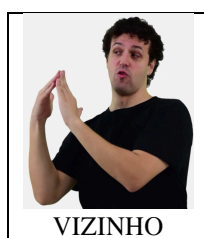
Com base neste quadro, propomos repensar o conceito e interferência da iconicidade na produção de sinais. Para além do conceito amplamente conhecido, que defende a iconicidade como a representação da forma do significado (STROBEL e FERNANDES, 1998), as iconicidades visuo-corpóreo-espaciais atuam nos processamentos cognitivos

buscando elementos peculiares à motivação da criação do sinal, seja uma motivação sensitiva, espacial ou de medida.

a) Espacial:



Estes sinais são motivados pelo significado que “cima-baixo” representam na percepção espacial ancorados no corpo. Tudo que está no alto, para cima, nos remete ao sucesso, ao êxito, ao alto astral, e nosso corpo em relação ao espaço reflete estes significados na expressão linguística. Léxicos em sinais como FELIZ e TUDO-BEM, fazem menção a este estado de alto astral, ao contrário de TRISTE, CHORAR e CANSADO que representam algo ruim, que nos coloca para baixo, num estado de baixo astral. A tendência é que estes sinais sejam produzidos numa coerência espacial em relação ao nosso corpo, levando-os para baixo.



Lateralidades como esquerda e direita também influenciam nosso processamento cognitivo na produção linguística que relaciona organização espacial. No caso do léxico VIZINHO, nosso corpo funciona como a base para a localização de outros construtores no espaço de sinalização. Ao posicionar o sinal CASA ao lado do “corpo base” indicamos o local do referente. Esta lateralidade é um esquema corporal que faz parte da construção sintática do discurso em língua de sinais.



“Dentro” e “fora” também podem representar sentidos para o sinalizante que podem ser expressos em diferentes sinais que tenham uma conotação interna ou externa em relação ao corpo. O sinal

DENTRO é bem icônico do ponto de vista mais clássico, porém, SENTIMENTO e GOSTAR, também fazem referência a condições internas em relação ao corpo, mas não são icônicos dentro deste mesmo ponto de vista e sim do ponto de vista das iconicidades visuo-corpóreo-espaciais. A experiência corpórea revela ao sinalizante que estes significados têm relação com sensações internas ao corpo e que, portanto, podem ser produzidas como se saíssem de dentro do peito, onde poeticamente residem os sentimentos.

b) Sensitiva



Facilmente se podem confundir as iconicidades visuo-corpórea-espaciais que atraem sensibilidade e relações espaciais. Porém, os conflitos são desnecessários, pois um sinal pode ser motivado por relações sensitivas e espaciais. Sinais como ABRAÇAR e PISARpesado, são sensitivos a medida que são motivados pela sensibilidade do corpo em perceber a proximidade e o atrito, a mesma sensibilidade para a produção de sinais como ABRAÇO e PISARpesado. Mas, também podem ser espaciais a medida que ABRAÇO remete ao movimento da ação em direção ao receptor. A pisada forte do gigante relaciona-se a uma iconicidade visuo-corpóreo-espacial com o movimento de andar para frente. O sinal de ENCONTRAR é sensitivo a medida que a força de atração é familiar às experiências corpóreas onde dois corpos no espaço se atraem. Um sinal icônico por sua relação com significados baseados em experiências corpóreas e representados em construções visuo-corpórea-espaciais.



Nos sinais PEDRA e DURO constatamos a influência da sensibilidade no nível do tato, pois a sensação da superfície resistente em partes do corpo mais firmes remete a objetos externos com a mesma característica. Desta forma os sinais são icônicos a medida que são motivados por sensações adquiridas por experiências corpóreas. O sinal TROCAR é sensitivo no nível de processo. Observe a peculiaridade dos construtores deste sinal, onde a mão esquerda apresenta uma configuração manual que sugere o conteúdo a ser trocado e a mão direita a configuração manual de “oferecimento”, complementando o classificador perspectiva-ação TROCAR-FEIJÃO. A questão da sensibilidade ajusta-se na evidência corpórea. Em relação ao corpo o movimento circular representa processo em termos cognitivos e pela moldura semântica imprimida à narrativa.

c) Medida



A construção visuo-corpórea-espacial de Medida também é bastante evidente nos recursos linguísticos da língua de sinais. Usando o corpo para ancorar as medidas, o narrador produz o sinal de PEQUENO, que, em relação ao seu próprio corpo pode ser iconicamente representado.

O sinal de SOMAR remete a ideia de “junção” já que todos os dedos (unidades) encontram-se comprimidas em uma única unidade, levando a ideia de soma. Mais uma vez, o corpo e suas experiências tornam-se referência para o sentido deste sinal.



MADEIRA
 MADEIRA-SERRAR
 MADEIRA-MONTAR-PAREDE
 MADEIRA-PREGAR
 CASA-LEVANTAR
 CASA-PRONTA

A iconicidade visuo-corpórea-espacial de Medida no nível da parte-todo e ligação, podemos apresentar alguns exemplos. Esta perspectiva defende que é possível encontrar iconicidade na junção entre unidades (parte) para se chegar ao seu inteiro (todo) e ao seu sentido (ligação). No caso do exemplo acima, fases de um processo de construção foram imprimidas na narrativa visual para se chegar ao objetivo de ver a casa construída.



Para a produção do sinal FLORESTA é utilizado o plural de árvore através do recurso da repetição. Este recurso linguístico é uma iconicidade visuo-corpórea-espacial de medida, onde a soma de partes leva ao todo para o significado do sinal (ligação).

3.3 Figura-Fundo dupla perspectiva e Figura-Fundo de proeminência

Nosso estudo defende que o princípio da Figura-Fundo, com base na teoria gestáltica, pode ser identificado na língua de sinais em aspectos do discurso que revelam ações onde há “proeminência” ou “saliência focal”. Com base em construções imagéticas, o narrador pode produzir sentenças ou parte delas, onde uma determinada ação sofre uma saliência focal ou duas ações que estariam ocorrendo em quadros diferentes, em espaços diferentes são apresentadas ao mesmo tempo para que o espectador possa ter uma visualização simultânea da ação. Pode-se enfatizar uma faceta de uma cena conceitual, deixando as demais em segundo plano, porém num mesmo quadro.

Essa atenção seletiva a aspectos salientes ou salientados poderá produzir novos significados, novas sistematizações que poderão originar novas redes de sentido, os quais eventualmente poderão se entrincheirar na memória de longo prazo, ficando disponíveis para futura utilização. Este estudo enumera Figura-Fundo de dupla perspectiva e Figura-Fundo de proeminência.





Estes são exemplos de Figura-Fundo dupla perspectiva por proporcionarem ao espectador visualizar em um mesmo quadro duas ações simultaneamente.



A Figura-Fundo de proeminência, faz um tipo de “zoom” a partir do quadro que o antecede, apresentando a ação ou reação de um elemento retirado do quadro anterior, mas que pertence a mesma cena.

3.4 Dêiticos Interrogativos de Proeminência

Os construtores dêiticos apontados por Fauconnier e Turner (2002) apresentados na obra de Duque e Costa (2012), revelam o que os pesquisadores chamam de “olhos da mente”. Quando o narrador refere-se a lugar, tempo ou pessoa específicos, pode fazer uso de referentes dêiticos respectivamente ONDE, QUANDO e QUEM.

Na língua de sinais os referentes dêiticos surgem em meio a narrativa como uma forma de relacionar ações para que se tornem mais compreensíveis ao espectador. A estratégia do narrador (tradutor-intérprete de libras) cumpre em chamar a atenção do espectador apresentando o centro dêitico interrogativo (CDI) em saliência focal, em primeiro plano na narrativa, para dar sequência a ela, como se o CDI funcionasse como um conector, relacionando a sentença anterior ao seu complemento.





Este é o trecho do conto “João e o pé de feijão” onde João acorda, abre a janela do seu quarto e se espanta ao ver que as sementes que sua mãe jogou no quintal se transformaram em uma árvore gigante. O narrador-ator, para levar o espectador a entender o que havia acontecido, chama sua atenção através do dêitico interrogativo “O-QUÊ”. Note que há um mistério até o momento em que João olha admirado pela janela. Antes de informar à criança o motivo da admiração, o narrador-ator, cria um suspense e questiona o espectador que é levado a tentar saber o motivo, sendo revelado após o uso do dêitico interrogativo. Esta estratégia pode favorecer a relação de sentidos dos fatos na narrativa.





Neste trecho o fenômeno ocorre duas vezes: “O-QUE-ACONTECER?” e “OVO O-QUÊ?”. Estas expressões também são dêiticos interrogativos porque apresentam a mesma função: favorecer a relação de sentidos dos fatos na narrativa. Não necessariamente os dêiticos interrogativos são compostos por léxicos interrogativos isolados em cada sentença. Dependendo do objeto a que se refere ou de questões pragmáticas, o narrador pode criar expressões idiomáticas construídas com construtores verbais, nominais e interrogativos.

No caso do “ovo” é interessante notar que é natural a galinha botar ovos e, portanto não haveria nada que chamasse a atenção do espectador, porém o uso do dêitico interrogativo leva este espectador a observar que há uma informação neste ponto relevante para o enredo da história. Este fenômeno linguístico presente nas construções das línguas de sinais favorece a compreensão da narrativa e aproxima o espectador de fatos relevantes.

4. CONCLUSÃO

As concepções gerativistas não dão conta de analisar e descrever os processos cognitivos linguísticos dos seres humanos por não considerar as habilidades psicológicas gerais e as experiências corporificadas na construção da linguagem. A Linguística Cognitiva postula que processos de aquisição e construção da linguagem são possíveis aos seres humanos pela habilidade que possuímos de articular habilidades linguísticas e psicológicas gerais à percepções corporificadas, levando em conta especificidades culturais das comunidades de fala e a língua em uso. De todo o aparato perceptivo, a percepção visual é a que mais proporciona experiências relevantes para a construção da linguagem, principalmente em suas propriedades imagéticas que são a base para a simulação semântica presente na produção comunicativa. Estes pressupostos podem servir como aporte teórico para estudos

que busquem analisar e descrever os processos de construção corporificada da língua visuo-imagético-espacial como é a língua de sinais. Se os processos de formação do tradutor-intérprete de libras puderem produzir práticas que privilegiem a aquisição e aprimoramento da língua de sinais entendendo-a como um processo visuo-corpóreo-espacial, é possível que a construção de sujeitos bilíngues se dê de forma mais letrada. Este profissional poderá fazer uso da língua portuguesa e da língua de sinais coerentes com suas peculiaridades linguísticas, enquanto a primeira é motivada por aspectos auditivo-orais a segunda é visuo-corporal. Mas, este processo de aquisição e aprimoramento deve iniciar desde os primeiros contatos com a libras como segunda língua, de forma holística, distante de composições estruturalistas e regras sintáticas restritas.

REFERÊNCIAS

- BERGEN, Benjamin. **Mental simulation in literal and figurative language understanding**. In: COULSON, Seana; LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara (Ed.). *The literal and nonliteral in language and thought*. p. 255-280. Berlin: Lang, 2005.
- BERGEN, Benjamin; CHANG, Nancy. **Embodied construction grammar in simulation-based language understanding**. In: OSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjan (Ed.). *Construction grammars: Cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. P. 147-190.
- BERGEN, Benjamin K; LINDSAY, Shane; MATLOCK, Teenie; NARAYANAN, Srini. **Spatial and linguistic aspects of visual imagery in sentence comprehension**. *Cognitive Science Society*. p. 733-764, nov./2006.
- BLAYE, Agnès; LEMAIRE, Patrick. **Psicologia do desenvolvimento cognitivo da criança**. Instituto Piaget. Lisboa, 2007.
- CAVALCANTE, Sandra; SOUZA, André Luiz. **Linguagem e cognição sob a perspectiva da Linguística Cognitiva**. In: HERMONT, Arabie Bezri; SANTO, Rosana Silva do Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva (org.). *Linguagem e cognição: diferentes perspectivas, de cada lugar um outro olhar*. Ed. PUC Minas, 2010.
- DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. **Linguística cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências**. Natal, RN: EDUFRRN 2012.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FELDMAN, Jerome; NARAYANAN, Sirinivas. **Embodied meaning in a neural theory of language**. University of California, Berkeley, USA. 2003.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FILLMORE, C. **An alternative to checklist theories of meaning**. In: COGEN, C.; THOMPSON, H.; THURGOOD, G; WHISTLER, K. (orgs.). *proceedings of the Berkeley Linguistic Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, p. 123-31, 1975.
- _____. **Frame semantics**. In: *The cognitive linguistics reader*. London, Dakville. Equinox, 2007.
- JOHNSON, M. **The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: Chicago University Press, 1987.
- LAKOFF, G.; TURNER, M. **More than cool reason: a field guide to poetic metaphor**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites**. Stanford University Press, Standord, California, 1987.
- ROSCH, E. **Natural categories**. *Cognitive psychology*. v. 4, p. 328-350, 1973. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, p. 27-48, 1978.
- STROBEL, Karin; FERNANDES, Sueli. **Aspectos linguísticos da libras**. SEED/SUED/DEE. Curitiba, 1998.
- TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- VIGOTSKYY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria de Pena Villalobos. 13ª ed. São Paulo: Ícone, 2014.